

A DITADURA MILITAR NO BRASIL E “O ANJO DA HISTÓRIA”: A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA SOB O OLHAR DOS OPRIMIDOS À LUZ DE WALTER BENJAMIN

Juliana Costa Zaganelli*
Aloisio Khroling**

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão acerca do cenário atual brasileiro, por meio de uma análise das teses de 1940 de Walter Benjamin, em especial, a tese IX. A efetivação do direito à memória de vítimas de um passado marcado por torturas e violações aos direitos humanos é primordial para estabelecer um futuro desprovido de “catástrofes”, como demonstrado pelo “Anjo da História”. Medidas como as Comissões da Verdade são imprescindíveis para que o relato dos vencidos seja ouvido, mas, hoje, há outros empecilhos que provocam medo na sociedade, como as violências e as mortes que ocorrem todos os dias. Esse terror faz surgir grupos que clamam pelo retorno da Ditadura Militar ou de outras situações do passado que atentam contra os direitos e garantias expressos constitucionalmente. Por isso, o artigo em tela tem como propósito permitir uma reflexão da sociedade para que não se legitime atos arbitrários do Estado por medo e esquecimento. Portanto, a barbárie ainda persiste na sociedade ocidental e, diante disso, o discurso dos vencidos deve ser cada vez mais difundidos para que a história não volte a se repetir.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Política; Justiça das Vítimas; Ditadura Militar; O Anjo da História.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the current Brazilian scenario, through an analysis of the 1940 theses of Walter Benjamin in particular the thesis IX. The realization of the right to the memory of

* Doutoranda em Direito. Mestre em Direitos e Garantias Fundamentais.

** Pós-Doutor em Filosofia Política pela UFRJ e em Ciências Sociais pela PUC-SP. Doutor em Filosofia pelo Instituto Santo Anselmo em Roma, Itália.

victims of a past marked by human rights violations and torture is paramount to establish a future devoid of "disasters", as demonstrated by the "History of Angel." Measures such as truth commissions are essential to the story of the vanquished be heard, but today there are other obstacles that cause fear in society, such as violence and deaths that occur every day. This terror raises groups calling for the return of military dictatorship or other past situations that threaten the rights and guarantees expressed in the Constitution. Therefore, the article on screen aims to provide a reflection of society so as not to legitimize arbitrary acts of the State by fear and oblivion. Therefore, barbarism still exists in Western society and, before that, the speech of the losers should be progressively increased so that history does not happen again.

KEYWORDS: Memory Politics; Justice Victims; Military dictatorship; The Angel of History.

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, com a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, principalmente, no que tange ao Holocausto, tendo em vista os campos de concentração nazistas, foi revelado até que ponto o ser humano pode chegar. A falta de alteridade, de olhar para o próximo, perdurou nessa época como se o outro fosse sequer um animal.

No Brasil, a Ditadura Militar no período de 1964 até a promulgação da Constituição Federal em 1988, fez do país um palco de horrores, evidenciando práticas de torturas, mortes, dentre outros fatores que caracterizaram uma era de trevas na política brasileira.

Nessas épocas, tanto no Brasil quanto na Europa, os direitos e garantias fundamentais eram postos de lado, ignorados, como se aquelas pessoas não significassem completamente nada para aquela sociedade, sendo consideradas “inimigos” do Estado e, portanto, condenadas a morte, sem qualquer processo ou julgamento. Pelo simples fato da pessoa ser comunista, pela sua cor de pele ou pela sua tendência religiosa eram levadas a morte sem qualquer piedade, em prol de uma “segurança nacional”.

Eis que surge o estudo com o escopo de analisar a Ditadura Militar no Brasil sob a perspectiva de Walter Benjamin, ao trazer a questão do “Anjo da História”. Isso porque, apesar de instrumentos de proteção dos direitos humanos e das Comissões da Verdade, por

exemplo, a história é um discurso dos vencedores e não dos vencidos e, por isso, épocas de tortura são almeçadas quando há preocupação com a segurança nacional.

Portanto, **tendo em vista que a construção histórica é realizada pelo discurso dos vencedores e que há o crescimento do medo na sociedade brasileira por conta de violências, quais medidas devem ser adotadas para que momentos como a Ditadura Militar não sejam repetidos e inevitáveis, como exposto na Tese IX, “O Anjo da História”?**

1 A DITADURA MILITAR NO BRASIL

A Ditadura Militar no Brasil foi instaurada no ano de 1964 até 1985, sendo vinte e um anos de consequências que repercutem até os dias de hoje. Primeiramente, cabe dizer que desde a renúncia de Jânio Quadros e a assunção de João Goulard, havia um clima de instabilidade na conjuntura política nacional. No início de 1964, houve o comício das reformas, reunindo 150 mil pessoas na Praça da República na cidade do Rio de Janeiro, onde o então Presidente da República João Goulard, reafirma a decisão de fazer uma reforma agrária no país¹.

Naquele mesmo mês, no dia 31 de março de 1964, a União Nacional dos Estudantes Brasileiros (UNE) é incendiada no Rio de Janeiro e há o início do golpe militar, nomeando o general Castelo Branco, como primeiro ditador. A partir daí, foi decretado o primeiro Ato Institucional de um dos períodos mais tristes da história brasileira. No dia 13 de abril daquele mesmo ano, a instauração do Ato Institucional, passa a conferir ao ditador poderes para cassar mandatos eletivos, como também suspender direitos políticos até o dia 15 de junho de 1964².

Em outubro de 64, a UNE é extinta, sendo sancionada a Lei n. 4.464, Lei Suplicy, a qual proíbe atividades políticas estudantis,

¹ UNE. **Linha do Tempo da Descomemoração dos 50 Anos do Golpe Militar no Brasil**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/descomemoracaodogolpe/#/step-2>>. Acesso em: 15 maio 2015.

² UNE. **Linha do Tempo da Descomemoração dos 50 Anos do Golpe Militar no Brasil**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/descomemoracaodogolpe/#/step-2>>. Acesso em: 15 maio 2015.

realçando a ilegalidade da UNE, apesardos encontros clandestinos continuarem. No ano de 1965, o general Castelo Branco, invoca o Ato Institucional número dois, ao realizar uma reforma partidária, a qual extinguiu treze partidos políticos, suprimindo também a eleição direta para presidente³.

Com imposição da Ditadura, foi criado o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), em oposição ao governo dos militares. Já em 1967, com pedido de revisão do MDB, foi referendado pelo Congresso a Nova Constituição Brasileira, sendo também criado nesse ano, o Conselho de Segurança Nacional (CSN), órgão que assessorava o Presidente da República e responsável pela criação do Ato Institucional número cinco, sendo um dos mais rígidos, uma vez que permitiu a cassação de mandatos, a supressão de direitos políticos, bem como a censura à imprensa⁴.

Criada a primeira Lei de Segurança Nacional, mais conhecida como Decreto Lei 313, organizava, em forma de legislação, as bases do Estado após o Golpe Militar. No dia 15 de março de 1967, o marechal Costa e Silva toma posse, entrando em vigor nova Lei de Segurança Nacional e a Constituição de 1967, a qual anula disposições do Ato Institucional número dois⁵. No ano de 1968, com a Lei n. 5.439, há o estabelecimento da responsabilidade criminal para menores de dezoito anos envolvidos em atos contra o governo e sua segurança nacional.

Decretando o Ato Institucional número cinco, o governo “fecha” o Congresso no mês de dezembro de 1968, o qual ordena a prisão de Jucelino Kubistchek, permite a intervenção do governo nos Estados e Municípios, suspende a garantia de *Habeas Corpus* para quem atenta contra a segurança nacional, dentre outras atitudes que caracterizam um governo de total repressão⁶.

³ UNE. **Linha do Tempo da Descomemoração dos 50 Anos do Golpe Militar no Brasil**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/descomemoracaodogolpe/#/step-2>>. Acesso em: 15 maio 2015.

⁴ UNE. **Linha do Tempo da Descomemoração dos 50 Anos do Golpe Militar no Brasil**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/descomemoracaodogolpe/#/step-2>>. Acesso em: 15 maio 2015.

⁵ UNE. **Linha do Tempo da Descomemoração dos 50 Anos do Golpe Militar no Brasil**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/descomemoracaodogolpe/#/step-2>>. Acesso em: 15 maio 2015.

⁶ UNE. **Linha do Tempo da Descomemoração dos 50 Anos do Golpe Militar no**

Com a doença de Costa e Silva, a Junta Militar, assume o poder impedindo a posse de seu Vice Presidente, por não concordar com as disposições do Ato Institucional número cinco e com a Nova Lei de Segurança Nacional. No mês de outubro do ano de 1969, o general Emílio Gasrrostazu Médici, tornar-se o terceiro ditador desse regime que perdura no Brasil, provocando o auge da ação repressora⁷.

No ano de 1970, há o estabelecimento do Decreto 1.077, o qual impõe a censura prévia a todos os meios de comunicação, além disso, em 1971, o ditador Médici impõe seu direito de editar decretos secretos. Com a guerrilha do Araguaia em 1972, inicia um episódio de resistência ao governo ditatorial da época, persistindo por três anos. Já em 1974, o quarto ditador, o general Ernesto Geisel, toma o poder e em 1975 morre Wladimir Herzog, jornalista da TV Cultura, ao ser covardemente torturado, comovendo um protesto com mais de 10 mil pessoas na Catedral da Sé⁸.

Dois anos depois, Ernesto Geisel fecha o Congresso, impondo a eleição indireta de governadores, como também a nomeação de senadores biônicos. Em 1978, o general João Baptista Figueiredo é eleito Presidente da República, sendo sancionada a Lei da Anistia no ano de 1979, a qual apesar de ser rechaçada pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), por conta de seu caráter recíproco, foi considerada uma conquista⁹.

Por meio de um governo autoritário, foram introduzidos nas normativas brasileiras, diversos Atos Institucionais, a dissolução do Congresso Nacional, a supressão das liberdades civis, a qual atingiu seu auge na década de 70, com o chamado “milagre econômico”. Ao mesmo tempo, pessoas eram torturadas, mortas e havia uma grande

Brasil. Disponível em: <<http://www.une.org.br/descomemoracaodogolpe/#/step-2>>. Acesso em: 15 maio 2015.

⁷ UNE. **Linha do Tempo da Descomemoração dos 50 Anos do Golpe Militar no Brasil.** Disponível em: <<http://www.une.org.br/descomemoracaodogolpe/#/step-2>>. Acesso em: 15 maio 2015.

⁸ UNE. **Linha do Tempo da Descomemoração dos 50 Anos do Golpe Militar no Brasil.** Disponível em: <<http://www.une.org.br/descomemoracaodogolpe/#/step-2>>. Acesso em: 15 maio 2015.

⁹ UNE. **Linha do Tempo da Descomemoração dos 50 Anos do Golpe Militar no Brasil.** Disponível em: <<http://www.une.org.br/descomemoracaodogolpe/#/step-2>>. Acesso em: 15 maio 2015.

censura nos meios de comunicação, somente chegando ao seu fim no momento em que não estimulou mais a economia, provocando embates do movimento democrático e a Lei da Anistia. Somente em 1983, o Congresso rejeita um Decreto Presidencial e em 1984 é realizado o primeiro grande comício pela campanha “Diretas Já”, o qual reúne 300 mil pessoas na Praça da Sé, em São Paulo. Com essa motivação, em 1985, Tancredo Neves é eleito Presidente, todavia, no mesmo ano, falece. Diante disso, Sarney, convoca uma Constituinte para a elaboração da Constituição de 1988¹⁰.

No entanto, apesar da instituição democrática no Brasil, não há concordância com o fato de que a Ditadura tenha encerrado seu papel, uma vez que milhares de indivíduos são mortos e torturados no Brasil diariamente. Importante dizer que tais indivíduos, apesar de viverem em uma democracia, são muitas vezes “marcados para morrer”, sendo escolhidos e excluídos da sociedade.

2 A PERSPECTIVA DE WALTER BENJAMIN A LUZ DAS TESES DE 1940

Walter Benedix Schönflies Benjamin, considerado um dos maiores pensadores modernos e associado à chamada Escola de Frankfurt, nasceu na cidade de Berlim, Alemanha no dia 15 de julho de 1892, falecendo no dia 27 de setembro de 1940, na cidade de Portbou, na Espanha. É de uma família de comerciantes judeus, filho de Emil e Paula Benjamin.

Na sua adolescência participou do chamado Movimento da Juventude Livre Alemã, com tendência socialista, o que só reafirma a presença e influência de Friedrich Nietzsche em suas leituras. No ano de 1917, Benjamin se casa com Dora Sophie Pollak, considerada uma bela mulher e, por sinal, inteligente, a qual mesmo com o divórcio, sempre o ajudou. Para fugir do exército alemão, Benjamin e sua mulher, migram para a cidade de Berna na Suíça, local onde tem seu único filho, Stephan. Dois anos depois, já em 1919, Benjamin defende seu doutorado na

¹⁰ UNE. **Linha do Tempo da Descomemoração dos 50 Anos do Golpe Militar no Brasil**. Disponível em: <<http://www.une.org.br/descomemoracaodogolpe/#/step-2>>. Acesso em: 15 maio 2015.

cidade de Berna, após estudar filosofia na Universidade Freiburg im Breisgau¹¹.

Sua tese chamada “O conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão”, foi fruto de um trabalho bastante rigoroso. Em 1920, volta a Berlim, mas apesar de possuir ótima formação e uma inteligência nata, seus anos são bastante difíceis, especialmente, na década de trinta, o que pode ser explicado por diversos fatores. Benjamin era um jovem que tinha grande dificuldade em lidar com as coisas práticas, como dinheiro, talvez por provir de uma família rica¹².

Mas, além disso, Benjamin não poderia ser enquadrado nem nos parâmetros estabelecidos pelo meio acadêmico, tampouco pelo movimento intelectual determinado, como o expressionismo ou outros ismos. Hannah Arendt, o chamaria de “*unhomme de lettres*”, ou seja, um homem culto livre e deslocado. A partir do ano de 1924, Benjamin passa, a cada vez mais, se aproximar do marxismo, principalmente, após conhecer AsiaLacis e Bertold Brecht, contudo, nunca foi membro do Partido Comunista¹³.

Embora, o jovem Benjamin não se enquadre pelo ditames do mundo acadêmico, tenta ingressar, exemplo disso, foi o ensaio sobre o livro de Goethe, “As afinidades eletivas”. O poeta Hugo Von Hofmannsthal o acolhe e publica na revista *NeueDeutscheBeiträge*,

¹¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia**. Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>>. Acesso em 14 maio 2015.

¹² GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia**. Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>>. Acesso em 14 maio 2015.

¹³ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia**. Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>>. Acesso em 14 maio 2015.

prestigiosa para a época, o que leva Benjamin, aos 32 anos, barganhar nova “mesada” com seu pai para se dedicar a tese de livre-docência, insurgindo-se em seu livro “Origem do Drama Barroco Alemão”.

Esta brilhante obra não foi bem recebida pela academia tradicional, sendo desaconselhado a apresentar sua tese de livre-docência na Universidade de Frankfurt, provocando sua renúncia na carreira acadêmica. Com isso, a partir de 1925, Benjamin passa a escrever como um *freelancer*, apesar de não gerar dinheiro, o levando a pobreza¹⁴.

No ano de 1933, Hitler é feito chanceler do Reich, caçando os comunistas e judeus, diante disso, Benjamin exila-se em Paris, chegando, posteriormente, a morar na Dinamarca, San Remo (pensão de sua ex-mulher) e, até mesmo, em Ibiza.

Em 34, tornar-se bolsista do Instituto de Pesquisa Social, núcleo da Escola de Frankfurt, momento esse que começa a trabalhar com Max Horkheimer (o qual já conhecia por ter sido assistente do professor que recusou sua tese de livre docência) e Adorno (estudou com seus alunos “A Origem do Drama Barroco Alemão” no ano de 1932), sendo que a amizade e a dependência (dinheiro) caracterizavam a relação¹⁵.

A partir do ano de 1935, os meios de comunicações da Alemanha não aceitavam mais seus textos, fazendo-o se encontrar na miséria no ano de 1939, viajando para a França, local onde tentava se naturalizar, sem sucesso, além disso, é destituído da cidadania alemã. Em setembro, a França e a Inglaterra declaram guerra à Alemanha e nesse mesmo dia, o governo francês obriga aos cidadãos de origem

¹⁴ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia**. Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbwb/biografia.html>>. Acesso em 14 maio 2015.

¹⁵ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia**. Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbwb/biografia.html>>. Acesso em 14 maio 2015.

alemã e austríaca, mesmo que refugiados, a se encontrarem em um estádio olímpico, sendo tal pedido respeitado por Benjamin. Logo, todas essas pessoas foram transferidas para “campos para trabalhadores voluntários” na província, sem qualquer conforto ou higiene. Benjamin e outros companheiros projetam o “Boletim de Vernuche” (nunca publicado)¹⁶.

Em meados de novembro deste mesmo ano, Benjamin é libertado graças à seus amigos franceses Adrienne Monnier (dona da famosa livraria do Odéon) e Henri Hoppenot (diplomata de alto escalão), mas ao invés de fugir de Paris, volta a escrever e, em fevereiro de 1940, dá origem as “Teses Sobre o Conceito de História”, a qual tornar-se um verdadeiro marco à historiografia burguesa e à chamada “ideologia do progresso”, o que “engessa” a esquerda frente ao fascismo¹⁷.

Em maio de 1940, há o ataque das tropas alemãs à França e iniciam as obras de Auschwitz. Logo, a França se compromete na entrega dos refugiados alemães, declarando aos oriundos da Alemanha que se reunissem em outro estádio. Benjamin foge de trem para Lourdes, nos Pirineus, parte ainda não ocupada e tenta conseguir asilo em outro país e, após um tempo, consegue um visto de trânsito através da Espanha e de Portugal para embarcar para os Estados Unidos, mas por não possuir o visto francês e tampouco considerado alemão desde 1939, tenta sair ilegalmente desde de Marselha¹⁸. Com um grupo, consegue o endereço de uma mulher,

¹⁶ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia**. Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>>. Acesso em 14 maio 2015.

¹⁷ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia**. Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>>. Acesso em 14 maio 2015.

¹⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia**. Núcleo Brasileiro de Estudos Walter

esposa de um emigrado alemão, Lisa Fittko, a qual escreveu em 1982 o artigo “The Story of Old Benjamin”, descrevendo seus últimos passos¹⁹.

A descrição da subida íngreme, no sol, por uma senda montanhosa que desaparece no cerrado, é pungente. Benjamin carrega consigo uma pasta preta pesada, com manuscritos preciosos que ele quer salvar a qualquer preço e que desapareceu misteriosamente depois da sua morte. Seus companheiros se revezam para ajudá-lo. Ele sobe devagar: dez minutos de subida, um minuto de pausa, cronometra o tempo no seu relógio²⁰.

Quando chegam na fronteira, perto de Portbou, na Espanha, são impedidos de entrar, sendo insuficiente o visto de trânsito através da Espanha, mas conseguem permissão para dormir a noite de final de setembro de 1940 no Hostal International.

No dia seguinte pela manhã, Benjamin afirma que na noite anterior ingeriu uma dose letal de morfina, provocando sua morte naquele mesmo dia. Com o passar dos anos o túmulo de Benjamin desapareceu, então, o Partido Socialista Operário Espanhol afixou, em 1979, uma placa em no dialeto catalão no cemitério, em memória de Walter Benjamin, “Filosof Alemany”²¹.

Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>>. Acesso em 14 maio 2015.

¹⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia**. Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>>. Acesso em 14 maio 2015.

²⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia**. Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>>. Acesso em 14 maio 2015.

²¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia**. Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>>.

Seus escritos ficaram esparsos em periódicos e apenas três livros foram publicados por ele ao longo de sua vida, qual seja, sua tese de doutorado, a “Origem da Tragédia Alemã” e um volume de ensaios, chamado “Rua de Mão Única”.

As teses de 1940, consideradas de suma importância para o século XX, ao propor uma visão histórica do ponto de vista dos oprimidos (vencidos), constituem uma espécie de manifesto filosófico, o qual apresenta dezoito teses em forma de ensaios sua desilusão e seu pessimismo frente os acontecimentos e os rumos da história, que apesar dos avanços e do progresso, iria culminar em uma catástrofe. Tal obra é norteada por temas variados que perpassam a história, a política, a arte, a cultura, a literatura e a teologia.

Em sua segunda tese, Benjamin afirma que o passado tem um apelo que não pode ser ignorado, assim, a lembrança deve vir para dar fim às opressões. Isso faria com que as gerações, de fato, conheçam o passado para que o futuro não seja catastrófico. Em sua tese seguinte, Benjamin diz que “sem dúvida somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente de seu passado”²².

Por demonstrar o ponto de vista dos vencidos, a história passa a ser uma sucessão de derrotas, sendo o fascismo responsável pela “[...] falsificação, em escala sem precedentes, do passado”²³. Consoante Soares²⁴, as imagens expressas nas Teses I, IX e XVII de Benjamin, demonstram a correlação que o autor faz de três diferentes fontes. Na primeira tese, há um tabuleiro de xadrez turco, o qual traz a questão do romantismo alemão, sendo “[...] arte, conhecimento e práxis e, ao mesmo tempo, um desejo de renovação”²⁵; A tese IX traz o anjo da história, revalendo o messianismo judeu, o qual “[...] está,

Acesso em 14 maio 2015.

²² BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas. Vol. I, Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 1 ed. 1985. 3 ed. Editora Brasiliense, 1987, p. 223.

²³ LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: umaleitura das teses “Sobre o conceito de História”**. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 66.

²⁴ SOARES, Renata Ribeiro Gomes de Queiroz. **Sobre o conceito de História em Walter Benjamin**. Disponível em: <<http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/viewFile/1809-2667.20120006/1336>>. Acesso em: 14 maio 2015.

²⁵ LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: umaleitura das teses “Sobre o conceito de História”**. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 19.

segundo Benjamin, no cerne da concepção romântica do tempo e da história”²⁶. Por fim, a tese XVII traz as mônadas, com o marxismo, sendo considerado por Benjamin, desde suas leituras em 1924, parte de seu pensamento. Apesar de beber dessas três fontes, Benjamin não se propõe em fazer um compilado, mas em trazer um conceito novo e original.

Para Benjamin, o conceito de cultura traz em si a barbárie, sendo “como conceito de um tesouro de valores considerado de forma independente, não do processo de produção do qual nasceram os valores, mas do processo no qual eles sobrevivem”²⁷, destarte, os conceitos de educação e cultura vigentes do ponto de vista dos que venceram.

Diante disso, por meio das notas preparatórias às Teses de 1940, leciona que: “a catástrofe é o progresso, o progresso é a catástrofe. A catástrofe é o contínuo da história” (Benjamin, W. *Gesammelte Schriften*, I, 3, p. 1244. Notas preparatórias para as Teses)²⁸. O progresso e a catástrofe possuem um ponto de vista dos vencidos, considerando o passado como derrotas catastróficas, dessa forma, a história não é contada de modo correto, fazendo com que ao invés do progresso, venha a catástrofe, sendo algo inevitável.

A tese IX, já abordada nesse estudo, traz a imagem de um anjo, chamado por Benjamin de o “Anjo da História”, o qual demonstrava que o futuro seracarregado de catástrofes, por ser cíclico. Já em sua tese XIII, traz a questão do progresso sem qualquer vínculo com a realidade. Walter Benjamin, assevera que há uma continuidade da dominação, pelos que venceram e clama por luta contra tal opressão. A história deve ser construída e não repetida ou reprimida, o que somente por meio de uma revolução é possível dar “[...] um salto de tigre em direção ao passado”²⁹.

²⁶ LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: umaleitura das teses “Sobre o conceito de História”**. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 21.

²⁷ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 509.

²⁸ LÖWY, Michael. **A filosofia da história de Walter Benjamin**. *Estud. av.* vol. 16 no. 45 São Paulo May/Aug. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142002000200013&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 maio 2015.

²⁹ BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas. Vol. I, Tradução Sérgio Paulo

Benjamin busca a verdadeira história, aquela do ponto de vista dos silenciosos, daqueles que não tiveram a oportunidade de se manifestar, daqueles oprimidos e não a história de hoje, contada pelos vencedores, por isso é imprescindível rememorar tais acontecimentos para que não se chegue ao que ele chama de catástrofe.

Portanto, apesar de pessimista, Benjamin invoca uma situação que retrata de forma bastante inteligente a realidade, realçando que, no momento em que a história não é retratada pelos vencidos (oprimidos), o futuro passa a ser certo, tendo como fim a “catástrofe”.

3 “O ANJO DA HISTÓRIA” E A PERMANÊNCIA DO ESTADO DO MEDO

O livro “Magia e Técnica, Arte e Política” de Walter Benjamin traz o texto do conceito sobre história do autor, retratando dezoito teses. Mas, o objeto deste trabalho é no que tange a tese IX.

O autor leciona sua nona tese no seguinte trecho:

Há um quadro de Klee que se chama *AngelusNovus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso³⁰.

Assim, é possível notar que a tese construída por Benjamin, buscou inspiração no quadro de Paul Klee, “*AngelusNovus*”, o qual foi adquirido por ele em sua adolescência.

Rouanet. 1 ed. 1985. 3 ed. Editora Brasiliense, 1987, p. 226-230.

³⁰ BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas. Vol. I, Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 1 ed. 1985. 3 ed. Editora Brasiliense, 1987, p. 226.

O quadro revela a imagem de um anjo, chamado por Benjamin de “Anjo da História”, mas, ele pretende se afastar de uma situação que está vendo. Essa representação indica que o anjo está olhando para o passado, ou seja, no futuro, ele encara a sociedade e percebe o seu fim. A sociedade não nota nada, pelo contrário, avista sempre o progresso, de modo positivo. Diferentemente dessa perspectiva, o Anjo da História, ao estar no futuro, vê no lugar do progresso uma grande catástrofe, todavia, apesar do anjo querer ajudar, tornar-se impotente.

Nesta tese, fica evidente que a tempestade (progresso) é retratada como algo que veio para repelir o anjo, o que contribui para a catástrofe. Para alcançar o novo e impedir tal desastre é preciso ocorrer uma revolução contra o progresso. A sociedade brasileira passou por um processo de Ditadura Militar entre 1964 e 1985. Contudo, apesar da solidificação da democracia atualmente, há uma constante violação aos direitos e garantias fundamentais expressos na Constituição Federal de 1988.

A questão cíclica, de que a história é contada apenas pelos vencedores é evidente e esse cenário deve ser modificado, uma vez que impede as pessoas de se esquecerem dos episódios marcados por mortes, sofrimentos e torturas. Não só a Ditadura Militar no Brasil foi palco de violações aos direitos das pessoas, mas isso ocorreu em todos os lugares do mundo, como o próprio Holocausto, as Guerras Mundiais, dentre outras situações que, inclusive, hoje fazem com que direitos humanos sejam descartáveis.

As Comissões da Verdade trazidas pela Lei n. 12.528 de 2011 se apresentam da seguinte forma:

Art. 1. [...] examinar e esclarecer as graves violações de direitos humanos praticadas no período fixado no art. 8º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional³¹.

Desse modo, tais Comissões devem verificar as violações aos direitos e garantias fundamentais no período entre 1946 a 1988,

³¹ BRASIL. **Lei n. 12.528, de 18 de novembro de 2011.** Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12528.htm>. Acesso em 14 maio 2015.

quando foi posta a Constituição Federal. Com isso, busca efetivar o direito à memória e a verdade, além de promover uma reconciliação nacional, no sentido de perdoar, apesar de não esquecer.

A Comissão Interamericana dos Direitos Humanos expressa que:

A CIDH considera essa decisão um passo fundamental para avançar no esclarecimento dos fatos do passado. O direito internacional dos direitos humanos reconhece que toda pessoa tem direito a conhecer a verdade. No caso das vítimas de violações dos direitos humanos e seus familiares, ter acesso à verdade dos fatos constitui uma forma de reparação. Neste sentido, a formação da Comissão da Verdade no Brasil desempenhará um papel fundamental para tornar efetivo o direito à verdade das vítimas de violações dos direitos humanos cometidas no passado, bem como de todas as pessoas e da sociedade em seu conjunto³².

A história deve ser construída e não dada por meio de relatos dos vencedores, exemplo disso, são as Comissões de Verdade no Brasil, aonde são expostos os acontecimentos do passado da Ditadura Militar para que a memória das vítimas continuem vivas e não sejam replicados textos escritos por relatos, apenas, de “vencedores”.

Hannah Arendt, retrata bem uma frase em que diz: “A igualdade não é um dado, mas um construído”³³. Tal como Benjamin, a história deve também ser construída por meio dos oprimidos e não dos vencedores, situação que não vai possibilitar com que a memória dessas pessoas que sofreram fique viva e, logicamente, seja como o “Anjo da História”, como algo a impossibilitar com que determinadas atitudes cheguem a uma catástrofe no futuro.

Apesar das Comissões da Verdade, bem como todo esse movimento em prol da memória das vítimas na sociedade brasileira, há um processo de medo e terror. Corriqueiramente, todos os meios

³² Comissão Interamericana de Direitos Humanos. **A CIDH celebra a formação da Comissão da Verdade no Brasil**. Comunicado de Imprensa n. 48/12. Disponível em: <<http://cidh.oas.org/Comunicados/Port/48-12.htm>>. Acesso em: 14 maio 2015.

³³ KROHLING, Aloísio. **A Ética da Alteridade e da Responsabilidade**. Curitiba: Editora Juruá, 2011, p. 79.

de comunicação, não só pelo jornal, mas também por televisão, rádio e internet, o cidadão brasileiro se depara com violência a qualquer custo. Esse trecho de Aloísio Krohling elucida bem a atualidade brasileira: “Diante da ‘calamidade pública’, da ‘emergência’ e em nome da ‘salvação nacional’ surgiu o Estado nazista”³⁴.

A instabilidade com a segurança nacional e econômica, faz com que os brasileiros fiquem órfãos. O Estado além de todas as considerações, no que tange a corrupção, o descaso, a cobrança de altos impostos, dentre outras questões, faz com que, juntamente com os meios de comunicação, o brasileiro viva em um Estado de Medo. Notícias de mortes e torturas, promovem com que a sociedade legitime o Estado a agir da forma que pretender em prol de uma “segurança”. Isso revela algo bastante preocupante, no sentido de que ao provocar medo, as pessoas passam a legitimar o Estado para agir de modo autoritário, o que fomenta um futuro com práticas de violações semelhantes as que ocorreram no passado e, a democracia, passa a ser aniquilada.

Exemplo disso, são os presentes movimentos sociais no Brasil contra o cenário de corrupção encontrado pelo atual governo, clamando, inclusive, pela volta da Ditadura Militar, medidas mais autoritárias, dentre outras situações que jamais deveriam ser almeçadas novamente, mesmo que seja por uma pequena parte da sociedade.

Diante disso, nota-se que o Brasil passa por uma instabilidade, a qual pode desencadear em atos autoritários, colocando de lado cada vez mais a democracia e a proteção dos direitos e garantias constitucionais, vide que tudo é em prol a segurança e ao estabelecimento da paz social, então, pode-se recorrer de outros meios, sem respeitar as garantias dos seres humanos.

CONCLUSÃO

Os direitos e garantias fundamentais sem a devida contextualização sócio-epistemológica que se propõe, será vazia no que tange sua aplicabilidade. No momento em que a história é

³⁴ KROHLING, Aloísio. **A Ética da Alteridade e da Responsabilidade**. Curitiba: Editora Juruá, 2011, p. 79.

totalmente encarregada a contar atos e fatos de acordo com as ideologias e o ponto de vista dos vencedores, não permitirá com que se tenha algo real e, mais que isso, uma experiência que levará a humanidade para uma catástrofe.

Espera-se que haja um novo conceito de história, não no sentido de que todos os livros devem ser modificados, mas as más experiências passadas não devem ser esquecidas para que situações como essa não sejam repetidas, desencadeando em um processo cíclico de violações de direitos e garantias fundamentais.

É preciso reconhecer essa barbárie e não uma história contada de forma heróica ou silenciada por diversos fatores. O progresso existe, mas deve ser visto com imensas ressalvas, uma vez que leva a humanidade para um inevitável “desastre”, já que a história não é dos oprimidos, as pessoas se esquecem da necessidade de deixar viva uma memória para evitar transtornos futuros.

O resgate da proteção dos direitos e garantias fundamentais é realizado por meio da memória das vítimas, comprometido com um passado de sofrimento para, assim, proporcionar a redenção da humanidade. Isso seria uma forma de interromper, conforme Walter Benjamin, a “tempestade” do progresso em direção a um fim completamente desastroso.

Portanto, o passado deve ser vivo e o presente não deve ser repetido para que, assim, o futuro seja renovado e não catastrófico, até porque se não há uma proteção as memórias das vítimas, no sentido de não torná-las um esquecimento, o futuro sombrio da humanidade já estará decidido.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas. Vol. I, Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 1 ed. 1985. 3 ed. Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BRASIL. **Lei n. 12.528, de 18 de novembro de 2011**. Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12528.htm>. Acesso em 14 maio 2015.

Comissão Interamericana de Direitos Humanos. **A CIDH celebra a formação da Comissão da Verdade no Brasil.** Comunicado de Imprensa n. 48/12. Disponível em: <<http://cidh.oas.org/Comunicados/Port/48-12.htm>>. Acesso em: 14 maio 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: Um estrangeiro de nacionalidade indeterminada, mas de origem alemã. In: Márcio Seligmann-Silva. (Org.). Leituras de Walter Benjamin. 1 ed. São Paulo: FAPESP e Anna Blume, 1999, v. 1, p. 201-208, 2ª edição. **Biografia.** Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em: <<http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>>. Acesso em 14

KROHLING, Aloísio. **A Ética da Alteridade e da Responsabilidade.** Curitiba: Editora Juruá, 2011.

LÖWY, Michael. **A filosofia da história de Walter Benjamin.** Estud. av. vol.16 no.45 São Paulo May/Aug. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142002000200013&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 maio 2015.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”.** São Paulo: Boitempo, 2005.

SOARES, Renata Ribeiro Gomes de Queiroz. **Sobre o conceito de História em Walter Benjamin.** Disponível em: <<http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/viewFile/1809-2667.20120006/1336>>. Acesso em: 14 maio 2015.

UNE. **Linha do Tempo da Descomemoração dos 50 Anos do Golpe Militar no Brasil.** Disponível em: <<http://www.une.org.br/descomemoracaodogolpe/#/step-2>>. Acesso em: 15 maio 2015.